



O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

EDITORIAL

Fazemos anos. São nove os que o «Novo Fangueiro» já conta. Para um jornal regional é muito. Fazer um jornal é criar um ser vivo, um ser que está ao serviço de uma terra, que vive as alegrias e tristezas dessa mesma terra. Obviamente que são mais as alegrias que as tristezas. O ser jornal, o nascer de um jornal, já por si mesmo é um sinal de orgulho, um motivo de regozijo, um factor bastante de contentamento que subjaz a qualquer acidente de percurso.

Temos defendido a tese, e mantemos essa convicção, de que um jornal é uma instituição da terra por quem se deve ter a consideração que se nutre pelos Bombeiros, pelo Hospital, ou por outra qualquer agremiação. Um jornal, além do mais, representa muito trabalho realizado gratuitamente em favor da comunidade onde se está inserido. Trabalho empenhado em muitas horas de pesquisa, de leitura, de conversa e de escrita.

Ao fim de nove anos é de perguntar: será que os fanguieiros gostam do seu jornal? Respondemos com números. Desde que o jornal é nascido — e já lá vão os tais 9 anos — tivemos duas ou três devoluções. E os motivos podem ser os mais comecinhos: um dedo do pé que se partiu e não se noticiou, uma ida ao estrangeiro de que se não falou, enfim, umas ninhices. Pelo contrário, o ano passado e este ano

solicitámos o concurso de alguns comerciantes e industriais da terra para a feitura de um número especial dedicado às festas do senhor de Fão. Só tivemos uma nega em cada ano. Esta adesão maciça é para nós uma certeza de que continuamos no bom caminho e um estímulo para seguirmos a mesma rota.

Depois é o carinho e a preocupação com que muitos assinantes se afadigam em trazer as contas de assinatura em dia. Muitas pessoas têm gosto, sentem prazer em pagar o jornal. É certo que existem as excepções, mas, como dizemos, são as tais excepções.

nono aniversário

De resto, onde «O Novo Fangueiro» tem grande acolhimento é entre os conterrâneos ausentes. Os testemunhos são mais que muitos. São cartas que nos escrevem, são recados que nos enviam, são pedidos que nos estimulam a que não pensemos em acabar com este jornalzinho.

«O Novo Fangueiro» é tema de conversa obrigatória entre fanguieiros ausentes que se visitam. É a flâmula da terra, o seu estandarte, o seu sinal de vida.

Vamos continuar e ser aquilo que temos sido. Uma mensagem de saudade. Um somatório de pedagogia. Um convívio. Um desabafo. Um contentamento. Um lamento também. Somos aquilo tudo que sente uma terra.

E que o sejamos por muito e alongado tempo.

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

JOÃO DOS SANTOS CARDOSO

Além dos perfis já aqui apresentados, é possível que outros vultos se tenham distinguido na nossa terra mas que permanecem envoltos no lençol do tempo e assim viverão eternamente se um acaso ou uma pesquisa mais intensiva não os desvelar do túmulo onde estão sepultados. O nosso prezado colaborador José Maria Machado do Vale, trouxe até nós o testamento de um ilustre fanguieiro João dos Santos Cardoso, nome este que nós já havíamos referenciado quando esquisamos o perfil de Francisco Dias dos Santos Borda que foi um dos fundadores do Hospital ou do edifício do Hospital que existiu junto à igreja da Misericórdia, na Avenida dr. Manoel Paes.

Com efeitro, mercê das diligências de três fanguieiros, o já referido Francisco Dias dos Santos Borda, construtor naval, mais os conterrâneos João Barbosa, grande industrial de Cordoaria e José Joaquim Cardoso, com estabelecimento de panos, foi erguido o novo hospital na já citada Avenida, com início das obras em 1848 e terminado em 1850 ou 1851. Porém, em 1853 a situação do hospital era calamitosa. Então o triunvirato acima referido, neste mesmo ano delocou-se ao

Porto, a casa do comerciante e capitalista João dos Santos Cardoso a quem descreveram as condições por que passava o novo hospital, dizendo-lhe que se não houvesse um benemérito que lhe desse a mão, dificilmente poderia sobreviver. Disse-lhes este fanguieiro que a Comissão chegara tarde, mas que havia de fazer «tudo o que pudesse para auxiliar tão grande obra». E o certo é que a Misericórdia de Fão por sua morte, ocorrida em 1854, recebeu a 8.ª parte do seu remanescente o que equivalia na altura a 14 contos, importância esta que hoje remontaria a alguns milhares de contos de reis. Cremos que os sete oitavos da sua fortuna reverteram a favor da Misericórdia do Porto. Vejamos então o extracto da parte do testamento que contempla a Misericórdia fanguieira:

«Deixo à Santa Casa da Misericórdia de Fão, terra do meu nascimento, um conto de reis, e mais lhe deixo todas as terras que tenho no Couto d'Apúlla, e Leiras de Fonte bôa, e as de Gemezes, que faz o Caseiro Codeços, e o campo do Caldeirão; à mesma

(Continua na pág. 2)

ASSEMBLEIA DE FREGUESIA QUASE AGITADA

Falta de informação sobre «os muros da vergonha»

Criou grande expectativa a sessão ordinária da Assembleia de Freguesia que se realizou no passado dia 30 de Abril na sede da Junta de Freguesia.

Os últimos acontecimentos na zona da Senhora da Bonança, que provocaram o derrube da protecção do recinto e dos muros no acesso à praia, obras efectuadas pela Área de Paisagem Protegida do Litoral de Esposende, fizeram supôr que iríamos assistir a uma sessão bem «quente».

Curiosamente, o aparecimento de um comunicado anónimo a convidar a população a estar presente, ainda mais alimentou aquela ideta.

No entanto, a Assembleia fora convocada bem antes daqueles acontecimentos com um único ponto da ordem de trabalhos:

— A aprovação das contas de Gerência do ano de 1992.

Presidida por Carlos Palma Rios, a sessão iniciou-se com um período antes da

(Continua na pág. 2)

ASSEMBLEIA DE FREGUESIA QUASE AGITADA

(Cont. da pág. 1)

ordem do dia e coube ao eng.º José Teixeira a solicitação de informação possíveis sobre os trabalhos desenvolvidos pela Área da Paisagem Protegida em toda a área da Senhora da Bonança. Manuel Vieira, referindo diligências junto daquela entidade para obter informação detalhada sobre o assunto, esclareceu que nas obras realizadas estiveram envolvidas 3 entidades: A APPLE, a Junta de Freguesia e a Fabriqueira através do Padre Vilar.

Os 2 aspectos mais controversos no seu entender, eram o acesso ao recinto através da rampa já existente e a proibição de acesso à praia com veículos, com excepção dos moradores.

No 1.º caso, a construção de um murete na Av. Artur Aires, delimitando o recinto, induzia em erro os passantes, ao fazer supor que não existia qualquer abertura, o que não era verdade. De facto, na zona da rampa, havia uma entrada de 2,5 metros que ficaria com uma corrente, não permitindo normalmente o acesso a veículos e fora desenhada de acordo com o Pároco.

No acesso à praia, o estrangulamento da rua e a colocação do sinal de sentido proibido tiveram como intenção não permitir a circulação de veículos, que deveriam ficar nas zonas de estacionamento ali existentes,

permitindo aos utentes da praia melhores garantias de segurança e funcionalidade.

É aliás intenção breve da APPLE a construção de balneários e Bar naquela praia, para além do arranjo do Largo, criando assim melhores condições, numa zona bastante procurada.

O Eng.º José Teixeira afirmou-se favorável à colocação do sinal de sentido proibido, não permitindo a circulação de veículos no largo da praia, mostrando-se no entanto crítico ao estrangulamento da rua, por não entender as razões daquele traçado.

José Artur, que representou a Junta de Freguesia, acrescentou que entende ter sido um erro as construções que foram feitas junto à duna, o que não permite hoje a elaboração de um plano ainda mais favorável a Fão, sendo obrigados agora a ceder o acesso aos moradores, nos seus veículos.

Mas foi curiosamente a intervenção deste autarca que fez aquecer um pouco o ambiente.

Ainda sobre o problema da Bonança foi referido em dado momento que uma pessoa com responsabilidades em Fão, estivera após o almoço no local, tendo sido informado da forma da entrada no recinto, e que horas depois participara com alguns populares na demolição dos muros.

O PERFIL DE HOJE

(Continuado da pág. 1)

Santa Casa para as conservar a vender em Caseiros capazes com fiadores, e o conto de reis o porão a juros por Escrituras, em nome do Testador João dos Santos Cardoso, devendo ser dado a homens mecanicos e não Cavalheiros nem Fidalgos, com especies hypothecas de bens livres, e sendo Dizimos a Deus melhor, e com fiadores chãos e abonados e sendo que no futuro tempo os venha a emprazar, o farão preferindo em primeiro lugar para esse emprazamento a Manoel Fernandes do Monte da mesma freguesia d'Apúlia, lugar de Paredes, filho de José Fernandes já defunto, o que não farão, sem o participarem a meus Testamenteiros: igualmente lhe deixo todas as moradas, de casas que tenho e possuo no mesmo lugar e freguesia de São Paio de Fão, hoje Sumo de Espozende, deixas lhe faço com as seguintes obrigações que farão executar.

Primeiro — que mandarão dizer todos os mezes quinze missas pelas minha alma, e de meus Pai e May, Avô e Avó, e de meus quatro Irmãos e Irmãa Luiza, de esmola de cento e quarenta reis, e o Clerigo que as disse ao Lavavo de cada Missa, lembrará aos ouvintes um Padre-nosso, e uma Ave Maria pela alma do testador e de Pai e Mãe, Avô e Avó e de seus Irmãos e Irmãa Luiza.

Segundo — no fim do mez, e ultima missa que fizer o numero de quinze missas, repartião aos pobres dous mil e quatrocentos reis, preferindo os meus parentes existentes na mesma freguesia e de fina d'ella, e esta esmola em todos os fins dos mezes de cada anno, em quanto o Mundo fôr Mundo.

Terceiro — que darão todos os annos seis vestidos aos pobres de branqueta ao uso da terra, sendo camisa, jaleque, jaqueta, calças, meias, chapéo e socos, devendo ser esta esmola todos os annos no São João de cada anno, sem nunca faltar em quanto o Mundo fôr Mundo.

Quarto — que deixo à Criada Luiza a reserva de vinte alqueires de milbo em quanto ella fôr viva, e morrendo acabou a reserva, e a mesma Santa Casa sem esse onus.

Quinto — O senhor Provedor e Mordomos dessa Santa Casa de São Paio participará ao Provedor e mais Mordomos d'esta Santa Casa da Cidade do Porto, por meio de um attestado, em como cumpre à risca os Legados neste determinados, passado pelo Senhor Reverendo Reitos, e quando deixe de cumprir, a Santa Casa d'esta Cidade poderá requisitar os fundos e rendimentos, que para ser cumprimento deixo applicado; repito poderá requisitar os fundos e rendimentos que para seu cumprimento deixo applicados...

João Santos Cardoso foi juiz da Irmandade do Bom Jesus na gerência 1828/29.

Contribuiu com 70\$000 para a compra do sino pequeno do templo do Bom Jesus.

Em 1849 legou 600\$000 ao Bom Jesus com a obrigação de enquanto o mundo durar, se disserem cinco sermões da Quaresma na matriz, com um Padre Nosso e Ave Maria em cada sermão e obrigação de armar o Passo e acender a cera durante os sermões.

Foi considerado o primeiro fundador do Hospital de Fão. Exercia o comércio na cidade do Porto. A oitava parte de seus bens que doou ao Hospital foi avaliada em 10.544\$333. Foi este legado que permitiu a esta Casa funcionar normalmente e, por isso, em homenagem ao benfeitor se chamou: «Hospital de S. João de Deus».

Nota: Na Irmandade do Bom Jesus faltam os livros de actas do período de 1846 a 1872, pelo que, se deu algo mais a esta instituição, não se sabe. Os empréstimos é para o que dão. Empréstimos que são sempre abusivos.

O perfil do último número foi da autoria de Carlos Mariz.

António Viana reagiu de imediato àquela afirmação, negando o seu envolvimento e, ameaçando com queixa em Tribunal pelas alegações feitas.

Curiosamente não fora referido qualquer nome, mas os esclarecimentos posteriores de António Viana não deixaram dúvidas de que procurara no local informar-se devidamente sobre os trabalhos que ali decorriam, não lhe dando razões para o alegado envolvimento. Carlos Palma Rio entendeu que os esclarecimentos sobre o assunto eram suficientes e passou para a ordem de trabalhos:

Aprovação das Contas de Gerência do ano de 1992.

Este ponto foi extremamente calmo, verificando-se a leitura para o público presente e a consequente votação.

As contas foram aprovadas por maioria com a abstenção dos 3 vogais do CDS.

De realçar a referência ao não recebimento por parte dos membros da Junta de Freguesia das remunerações a que têm direito e que totalizam 1.064.000\$00 ao ano, bem como a não apresentação de gastos de combustível nas deslocações em veículos próprios, o que sendo habitual neste mandato, é um gesto novo nos dias que correm.

Também os vogais da Assembleia prescindiram sempre dos subsídios de presença a que têm direito legalmente.

Terminada a ordem de trabalhos, o Presidente da Mesa, concedeu, como é habitual, um período destinado à intervenção do público. Inscreveram-se Carlos Palma Rio Jr., Prof. António Peixoto, Adelino «Paralta», o Abílio Pereira e Carlos Soares.

Foram referidos os aspectos do Parque por trás do Hotel do Pinhal, os problemas de saneamento no «Bairro Social» e ainda o aspecto degradante na área junto ao Centro Cultural.

Este último problema foi levantado pelo Eng.º José Teixeira, que referiu não ser dignificante para Fão a situação que ali se vive, nomeadamente com uma família que ali habita.

Tivemos a oportunidade de saber que o Hospital de Fão está a estudar as formas de apoiar aquela família.

Mas, da intervenção deste autarca que representa o CDS, destacamos a referência ao Presidente de Junta «... tem tido uma acção meritória à frente da autarquia, embora com um outro aspecto que crítico».

José Artur, que representou a Junta de Freguesia, apresentou uma novidade para breve: o arranjo do Largo Conde Agrolongo (Largo da Praça) em moldes bastante diferentes do actual.

Carlos Palma Rio encerrou sem deixar de referir que o espaço da Sede da Junta é pequeno para permitir o acesso de maior número de pessoas à Sessão, em condições mínimas.

De facto, do lado de fora ficaram bastantes pessoas que acorreram em face da polémica existente, mas as pessoas que pretendiam colocar questões, abordaram a Mesa tornando-se uma Sessão mais participada que o habitual.

No ar ficou a ideia de que a problemática gerada com a Área de Paisagem Protegida não passou de um lapso derivado à falta de informação sobre as obras efectuadas, sobre os seus pormenores e as suas intenções.

A Assembleia de Freguesia é, como referiu Luís Viana, o local próprio para discutir os problemas de Fão e estamos cientes que uma maior informação poderá evitar situações idênticas, quando de facto estão em causa interesses colectivos.

TESOURADAS

Pelo QUIM DE FÃO

- Os regedores, senhores do reino...

O Regedor era uma figura pública, local, do anterior regime, que, às ordens do Administrador do Concelho, procurava manter a ordem pública, pondo cobro e julgando pequenos delitos; encaminhando queixas e colando nas portas da igreja matriz, em local estabelecido para o efeito, toda a espécie de avisos — recenseamentos, colectas, cabeças em saldo e a prémio, etc. etc. Não era um cacique, nem sequer um político, não estava a soldo disto ou daquilo; era mais um «criado» às ordens da autoridade concelhia, sediada no Administrador do Concelho e ou no Presidente da Câmara. Lembro-me de vários, na nossa terra, amados por uns, odiados por outros, conforme se preocupavam mais ou menos com o manter da ordem pública sem se fazerem notar e sem ser considerados para repasto ou recepção, tão frequentes naquela altura. Nunca foram homenageados; simbologia e solenidade de uso muito restrito e limitado aos senhores do aréopago ou brasileiro endinheirado, retratado na «Selva» por Ferreira de Castro.

- Hoje, está-se a passar um fenómeno muito estranho na nossa terra. Uma espécie de contaminação, cuja doença está caracterizada pelo diagnóstico: homenagear.

Banalizando e marketinguizando sob a forma de promoção hoteleira, vitimando o homenageado, vivo ou morto, a ter de aguentar com os amigos a banquetear-se sob a capa do santo, não me parece a melhor forma de respeitarmos a memória das pessoas. Não tenho nada, mesmo nada, contra os homenageados, pelo contrário, alguns deles foram, na devida altura e no local certo, galardoados com esse prémio. Segunda e terceira homenagem é demais. Qualquer dia, à falta de outros clientes, cada hoteleiro vira em promotor de homenagens, numa tentativa de tornar pública uma personagem que se limitou a ser amiga de alguns. Que esses *alguns* o relembrem, tudo certo, mas que exijam ou apontem a necessidade de o celebrar, isso é inoportuno. Faz-me lembrar o tempo em que, comendo bacalhau ao meio-dia e à noite acabava por cansar. A mesma ementa cansa, não haja dúvidas! Pois vai criando raízes; o acto provoca o hábito, de «homenagear» *publicamente* os nossos cidadãos. Que o façam, de forma privada; cada um é livre de o fazer, o que não pode é apontar o dedo aos ausentes, mesmo daqueles que «têm por obrigação» representar a comunidade fangeira. A esses, muito menos; quando muito, deveriam ou poderiam estar presentes na qualidade de fangeiros e só.

Ressalvo um profissional, há pouco reformado, que pelos seus trinta e tal anos de mensageiro dos CTT merecia o agradecimento dos seus patrões, dos seus chefes e dos utentes.

A continuarmos na senda destas homenagens, os verdadeiros, e merecedores de pública homenagem rejeitam esse galardão para não se entalarem em tal comenda.

Regedores... do reino das bananas!...

- Os Galos começam a agitar-se à procura do poleiro, destronando com bicadas o galo presidente.

Estamos com eleições à porta e a agitação pressente-se. Têm-se feito muitas asneiras em Fão. Permitiu-se que pátios e casas seculares fossem destruídos; permitiu-se a construção de casas em terreno público; permitiu-se a construção do «pombal» junto ao cemitério; permitiu-se que Fão não tivesse acesso à via rápida; e agora, derruba-se um murete que iria proteger o adro da Bonança. Há ou não há quem mande? A Comissão Fabriquira sabia-o. Deu ordem. Autorizou.

Copiam-se os modelos negativos de terras vizinhas. Talvez aqueles que deram a cara e que de pá e picareta esventraram o murete já construído não tenham a culpa toda. Não haverá, por trás, alguém a comandar? É pena.

Que os fangeiros abram os olhos!

Ao poder quem mais garantias der de trabalho e honestidade.

Ou façamos como os Americanos: Na praça pública, os feitos e defeitos para os podermos julgar.

A Senhora da Bonança foi vítima do impulso, talvez impensado de alguns manipulados ou não que preferem os piqueniqueiros e feira de gelados a Turismo de qualidade; com limpeza e ordem e não a bagunça do Turismo vizinho.

- A E.D.P. prestou um mau serviço às festas de Fão. Na noite das marchas, foi importante para dar luz... às pinguinhas e aos soluços: ora acende... ora apaga. Atingia aquecimento e zás... apagava-se o arraial e a «festa» esfriava.

Contactado o piquete de serviço, na hora de saída, parece, não mostrou «potência» para dar «luz» à festa. Valeu um funcionário desactivado que ocorreu a reparar a avaria.

Somos ou não culpados em ter permitido a nacionalização? Em ter permitido a transferência de serviços curáveis para Barcelos?

Só quando nos toca na pele e no pélo é que sentimos o erro de não proceder como os «estudantes»: rabo e palha para quem quis deixar Fão às escuras no seu dia grande.

«Rabo» — só à mostra — nada de confusões, que os fangeiros não vão — ainda — em americanes.

- Este jornal — O Novo Fangeiro — acaba de fazer 9 anos. Há cerca de sete que colaborei com pequenos textos onde procuro, brincando, alertar para os problemas comuns a todos quantos estimam a terra que nos viu nascer, onde brincámos na meninice, onde fomos crescendo e ao abrigo da telha comemos o pão que o diabo amassou; onde nos ensinaram as primeiras letras e sobretudo modelaram a personalidade dos três efes: Frontal, Forte, Frio.

A outros fangeiros, mais velhos e altruístas, devemos um pouco ou muito daquilo que somos. Ninguém é «self made man», mas todos herdamos uma costela: dos pais; da terra; dos amigos...

O jornal «O Novo Fangeiro» também tem todas ou quase todas as costelas de Fão. Por isso, deve ser obrigatório; frontal, forte e frio. Por isso, consegui fazer nove anos. E eu sete de cooperação quase permanente, atribuindo-me, os leitores, a obrigatoriedade das «Cantigas, farpas e tesouradas», nomes diferentes da mesma «Literatura de Cordel». Reconheço cansaço e repetição em alguns textos. Mas também reconheço que «água mole em pedra dura... tanto dá até que fura»... Reconheço que não agrado, nem agradei a todos os leitores; reconheço que «conquistei» inimizados mas também sei que, frequentemente, procuram os meus escritos, para ver e ler as «justiças e injustiças» que por cá se fazem e fizeram.

Por tudo isto e porque Fão me merece tudo e porque «O Fangeiro» é um mensageiro que procura manter viva a tal chama que nos distingue; por tudo isto, nós colaboradores e sobretudo os seus directores merecem «parabéns» por suportarem a infância e juventude de um jornal. Nada fácil, quer a nível económico quer a nível social. Mas o «Novo Fangeiro», criança ainda, faz sombra, sobretudo aos que querem comandar, dirigir ou chamar a si o que é de todos e para todos. Parabéns, «Novo Fangeiro». Que outros colaboradores surjam; que outros fangeiros continuem a manter as tuas páginas «frontais; fortes e frias».

FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA TRABALHADORES DA EMPRESA «MINAS DE JALES, SA», COM CONTRATOS DE TRABALHO SUSPENSOS

O Instituto do Emprego e Formação Profissional, enquanto organismo a quem compete a execução das políticas de emprego e formação profissional, e ciente da necessidade de qualificar ou reciclar trabalhadores, tem procurado contribuir para um maior equilíbrio social, principalmente junto dos trabalhadores desempregados, promovendo a valorização das suas competências.

Na prossecução desta estratégia, iniciou-se no dia 15 de Março de 1993, nas Minas de Jales em Vila Pouca de Aguiar, uma Acção de Formação Profissional — Qualificação na área de Serralharia Civil.

A Acção de Formação integra 15 formandos, sendo 11 trabalhadores da empresa «Minas de Jales, SA», com contratos de trabalho suspensos ao abrigo da Lei 17/86 de 14/06 e 4 candidatos externos.

Acresce referir que as Minas de Jales paradas desde Outubro passado e perante a situação lesiva de subsistência de cerca de um milhar de pessoas, levou o Centro de Emprego de Chaves, pela importância que nos merecem estes trabalhadores, a proceder à divulgação de Programas de Emprego e Bolsas de Formação como forma de sensibilizar os mesmos para novas oportunidades de inserção no mercado de trabalho, através da frequência de acções de Formação Profissional.

Após entrevista com a quase totalidade dos atingidos, apenas 18 manifestaram pretensões em frequentar essas acções desde que realizadas na localidade de Campo de Jales ou em Vila Pouca de Aguiar.

Os responsáveis pela acção de formação em curso, perante o entusiasmo e assiduidade verificadas, encontram-se confiantes nos bons resultados da mesma, quer na inserção dos formandos no mercado de trabalho, quer na criação do próprio emprego.

FESTA DE HOMENAGEM

No seguimento de outras festas de homenagem, realizou-se, novamente no Fojó, uma festa em que se pretendia homenagear conjuntamente as memórias do Zé Mata, Diamantino Pelica e Né Glória. Foi no dia 30 de Abril. Só que desta vez houve um lapso, ou dois: não se avisou as famílias dos homenageados e depois foram festas muito juntas. Resultado: não apareceram mais de 30 pessoas.

Acenou-se com o nome de Simone de Oliveira que apareceu de facto por volta das 2 horas, trazida pela mão de um seu guitarrista, Samuel Cabral que já actuou na Lareira em anos anteriores.

A festa resumiu-se às eternas cantigas de Fão, não houve discursos, não se evocou ninguém. Foi pena, por Simone também. É uma senhora da canção e do teatro. Merecia uma outra moldura. Apesar de tudo actuou com a classe de sempre.

Atenção, Sérgio. Houve qualquer coisas que não correu bem. Talvez menos empenhamento dos organizadores.

O JORNAL «O NOVO FANGUEIRO» FAZ 9 ANOS

Chegou finalmente a tão desejada noite do jantar comemorativo do jornal «O Novo Fanguero».

Com algumas ausências, principalmente do grande velho amigo sr. Agonia, por se encontrar doente, a maioria compareceu à chamada e não só.

Havia caras bonitas e jovens, as quais, nos dão a esperança de futuros colaboradores.

O jantar efectuou-se no restaurante «Rita Fanguera» e, como era de esperar, estava uma delícia.

Tudo decorreu num ambiente de franca amizade e boa disposição.

A Zita recebeu dois lindos ramos de flores, mas havia nela uma certa nostalgia, pela ausência do Pai.

O encontro de amigos, que se conheceram através do jornal, é já uma faceta muito importante nestas comemorações.

A surpresa da oferta dos lindos cactos, às senhoras presentes, foi um gesto inesquecível do Eng. Ramos Assunção responsável pela secção agrícola do jornal.

O sr. Almeida, como sempre, ofereceu ao Dr. Saraiva, digníssimo Director do jornal, uma linda caneta em prata.

Tudo isto entremeado com risos e palmas.

Chegou depois a vez dos discursos.

Abriu o desfile o Luís Viana, antigo autarca e fanguero de gema.

Enalteceu a função do jornal, os benefícios que tem trazido à terra, a isenção com que procede, no seu dia a dia e a honestidade com que percorreu estes 9 anos de existência. Depois de muito aplaudido, seguiu-se o Dr. Quim de Fão que após ter dado os parabéns, apelou para que apareçam novos colaboradores. Sente que é fatigante a missão de, com dignidade e sem ferir alguém, prosseguir na tarefa de apontar erros, analisar factos, corrigir anomalias. Falou também da vida digna com que «O Novo Fanguero», tem crescido, da força que dele emana, da alegria que ele causa.

Prometeu continuar a escrever, mas desejando que surjam novos valores, para enriquecimento cultural de Fão.

Acho que será difícil arranjar outro «Quim de Fão».

A sua inteligência e observação, são predicados inestimáveis que tem que ser postos ao «serviço» da comunidade.

Singularmente, disse algumas palavras esta nossa humilde colaboradora, que depois leu algumas quadras alusivas ao acontecimento.

O sr. Almeida, como sempre, deliciou-nos com um poema da autoria duma nossa poetisa.

Mais palmas e a fechar os discursos falou o Dr. Armando Saraiva.

Naquele jeito inconfundível, agradeceu a todos o amor e trabalho que tem dedicado ao jornal, esperando que a vida do jornal continue cada vez melhor e com maior amplitude.

Aparceram depois alguns amigos que vieram dar um abraço de parabéns.

Chegou o momento do «bolo» e de cantar os «Parabéns a Você». Acenderam-se as velas, fechou-se a luz e cantou-se animadamente.

As taças encheram-se de champanhe, o bolo foi oferecido gentilmente pela Zita.

Acabou a festa quando era quase meia noite.

Uma nota para a excelência do serviço! Eficiência, simpatia e prontidão. Parabéns!

Desejou-se para o ano uma festa de arromba. Deus queira que sim e até para o ano.

CECÍLIA PAIXÃO DE AMORIM

COOPERATIVA CULTURAL DE FÃO

No próximo dia 19 de Junho reune-se a Assembleia Geral Ordinária com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º — Apresentação, discussão e votação do Relatório e Contas de 1992-93.

2.º — Eleição dos novos corpos gerentes para o biénio 93-95.

3.º — Tratar de assuntos de interesse para a Cooperativa.

Fão, 10 de Maio de 1993

O Presidente da Assembleia Geral
Dr. José Augusto Amoroso Nobre Madureira

PARABÉNS «NOVO FANGUEIRO»

*Mês de Maio, mês das flores
Mês alegre e prazenteiro
Foi neste mês que nasceu
O nosso «Novo Fanguero».
Faz hoje 9 anos saudáveis
Vividos com harmonia
Rodeado de amizades
Singrande dia após dia!*

*É uma data precisa
Esperada com ansiedade
E quando nos encontramos
É a festa da amizade!*

*Há novos colaboradores
A juntar à velha fila.
Bem vindos, fazem-nos cá falta
P'ra enaltecer nossa vila.
Vêm dos cantos da terra
Das cinco partes do mundo
Demonstrar ao Director
O seu interesse profundo.*

*Também se assim não fosse
Que seria do jornal?
Fão ficava mais pobre
Para nosso e p'ra seu mal.*

*Citar nomes não preciso
Todos se conhecem bem...
Só sito «O Novo Fanguero»
P'ra lhe dar os parabéns.*

CECÍLIA PAIXÃO DE AMORIM

ENTRE NÓS

No período das festas do Senhor Bom Jesus, tivemos o prazer de abraçar em Fão o nosso prezado amigo Boaventura Peixoto, radicado no Canadá, que se manteve em Portugal cerca de uma semana.

AMAZÓNIA BAR

Os jovens fangueros Justino Fradique Alves e Maria de Fátima Vale Paiva abriram um bar do lado do rio, propriedade do nosso assinante Domingos de Assunção. Chama-se Amazônia Bar. O verão promete vir a ser muito quente. Vai ter música ao vivo e mais coisas.

P'rá frente, fangueros!

FLOR

*Repara nesta flor tão delicada,
Que sorri para o Sol, durante o dia;
É gémea doutra rosa enamorada
Do céu azul, da luz e da alegria.*

*Olha a sua beleza imaculada,
Sente o doce perfume que irradia,
E talvez te recorde uma alvorada
Cbeia de amor e cbeia de magia.*

*A vida é semelhante a qualquer flor,
Que foi botão; depois desabrochou,
Espalhando perfume ao seu redor.*

*E ao ver esta rosinha tão singela,
Recordou a minha vida que passou,
Como a flor perfumada na janela.*

DINIS DE VILARELHO

FÃO DE ANTIGAMENTE



Esta fotografia tem os seus trinta e tantos anos, quase quarenta anos. Em baixo: Né Glória, Xico Regina, Lino d'Areia, Américo Gonçalves e o nosso Zé. Em cima: Quim Xiquita, Tiririca, Miro Tuta, Aveilino Papuda, Zé Novo, Tone Canuda, Luiz Cochinha e Neca d'Areia

PÁGINA JOVEM

ESPERANÇA

Olá, jovens! Neste mês de aniversário de «O Novo Fangueiro», congratulámo-nos não só com a continuidade do jornal e desta «Página», mas também com a vossa presença e a vossa colaboração.

SOCIEDADE

— A MAIOR DE TODAS AS PRISÕES...

Por JOSÉ MANUEL FONSECA

É desmotivante acordar todas as manhãs para dar sequência à quotidiana faina que tempestuosamente todo o mundo arrasta, sendo a fuga a esse turbilhão, muito provavelmente, a deserção social.

Foi este o sistema a que involuntariamente nos submetem, uma engrenagem mecanicista cujo funcionamento é ingenuamente assegurado por todos nós, embora em muitos casos de forma inconsciente.

A verdade é que o homem é um ser misterioso, nem os consideráveis progressos da psicologia são suficientes para explicar todas as acções, motivações e comportamentos, mas a sua existência em sociedade constituiu-se de facto como o mais relevante factor para alcançar a sua integral compreensão.

Muitas vezes os «espinhos» que minam o «livre trânsito» de satisfações de necessidades, de desejos e de ambições momentaneamente indispensáveis ao «ego humano», derivados da sociedade acórdam o nosso interior da letargia, fazendo-nos refletir sobre o porquê das vicissitudes sociais, dos interesses que caracterizam tantas vezes esse entrelaçado de relações que nos arrastam magneticamente para a luta pela sobrevivência do tecido social.

Assim reparei um dia que a minha alma (à semelhança de tantas outras) se encontrava submersa na sociedade mecanicista que irremediavelmente corroía a pureza da sua primitiva existência, mas descobri também, embora com certa mágoa, que nada podia fazer para a livrar dessa «prisão». E quantas vezes falamos em inferno, conotando-o como um castigo para os maus «post-mortem», mas a verdade é que esse (supostamente) horrível lugar só poderá ser aqui na terra, na nossa inquietante existência. Haverá lugar onde se sofra mais do que neste aqui na terra, no seio da sociedade?!

Difícilmente...

Todavia também passamos nesta existência alguns bons momentos, apesar da contingência de tudo que nos cerca e rodeia. Mas esses momentos são passageiros e fugazes, e em muito menor quantidade do que os momentos agonizantes!

Ao longo da história, o homem fez muitas revoluções, mas todas elas foram feitas bruscamente sem serem alvo de uma ponderação rigorosa, científica e metódica, por vezes insuficientes, outras vezes excessivas.



Desenho de ISABEL M.

*Tu és para mim
A Esperança, a
Madrugada
Que nasceu, além
No Oriente.
És para mim tudo
Ou quase nada
Ou serás apenas
Indiferente.*

*A Esperança vem
Da fonte dos teus
Olhos
Qual rio caudaloso,
Em turbilhão,
Correndo pelos campos
Verdejantes.
Não sendo mais e só
Que seres pensantes.*

SU

PAUSA PARA SORRIR

Dois empresários discutem problemas com o pessoal. A certa altura, um deles afirma:

— «Eu só contrato empregados que tenham sogra!»

— «Essa agora!» — estranha o outro. — «E porquê?»

— «Porque nunca têm pressa em ir para casa» — responde o primeiro.

★

Tocam à campainha da porta. A empregada vem abrir.

— «Quem é o senhor e o que deseja?» — pergunta ao cavalheiro que tinha tocado.


— «O seu patrão está?» — pergunta este, sem responder à pergunta da empregada. Esta, habituada a «despachar» os cobradores, responde prontamente:

— «O meu patrão foi ontem à noite para fora».

— «Que penal!» — exclama o homem. — «É que eu vinha pagar-lhe um dinheiro que ele me emprestou»...

— «Mas já regressou hoje de manhã» — conclui a empregada, imperturbável.

ESTA FOLHA TEM O PATROCÍNIO DE:

Impetus 

PODERER?

Na noite
Apenas se vê
A chama do fogo
A erguer-se para o céu.
Quem tem o fogo
Tem o poder,
Ou pelo menos
Nós sempre acreditamos
Que por termos o seu segredo
Podemos e somos superiores
Aos outros animais.

O fogo ergue-se para o céu.
E aqui está a explicação
De todo o poder atribuído
As divindades do céu,
Que nem se sabe
Se existem ou não.
Mas que por terem o fogo podem.
Não estarão os nossos conceitos
De poder um pouco confusos?
Não será verdade dizer
Que não podemos mais
E não somos superiores?

MARTA MARIZ MENDE

(17 anos)

RESCALDO DAS FESTAS

Pelo QUIM DE FÃO

«Ó Pai da vida... não há festa como esta»... Terminaram as verdadeiras festas de Fão. Três... quatro dias de sol, apadrinhados pelo senhor Bom Jesus, emolduravam o entusiasmo, amor e devoção ao senhor de... Fão. Desde a leitura do testamento do Judas até às vinte e quatro horas de 2.ª feira de Páscoa Fão saiu à rua, engalano de mil cores capelas e monumentos e ruas; tapou buracos e fechou ruas ao trânsito, para receber os festeiros e forasteiros; para receber emigrantes fangueiros que, ao menos uma vez por ano, como na desobriga, vêm a Fão «matar» saudades e dão a «sua opinião» acerca das festas e do que vai mal. Foi um programa não tão grandioso como o dos anos anteriores mas igualmente vistoso e atractivo. De diferente, se comparado com as outras festas concelhias, teve as mar-

chas e o fogo do rio. A cachoeira da ponte, com as escadinhas do cais, a servirem de anfiteatro, são únicas e ninguém poderá igualar aquele espectáculo. É preciso aproveitar as condições e Fão têm-nas: o rio; a ponte e as escadas do cais. Das marchas, só Fão e os seus bairros. Só a nossa terra é capaz de fazer tanto e com tal originalidade. Não há melhor! Ramalhão — o mais castiço, o mais terra-a-terra, o mais natural, do campo ao campo; Areosa — o coração de Fão; o mais Turista; o mais mudado, com calcinha curta, nos rapazes e cores sedutoras na rapariga; a outra marcha, da Comissão e seus apêndices, esta foi uma surpresa e um êxito. Tiraram os títulos e as medalhas; calçaram os chinelos, ensaiaram, provaram e gostaram. Foi «gostoso» ver os «manos» de pau no ar com o «fogo» dos

seus balões e a melodia das canções fangueiras. Este Fão, da Junta, Bombeiros, partidos e sem partidos, elevavam as festas a um estatuto difícil de aguentar. Foram três anos diferentes daquilo que já outros tinham feito. Oxalá nos próximos anos, não voltemos à festa do tremoço, foguetório e tachim... tachim. Fão, ultimamente, não sabe reconhecer e torna-se cada vez mais exigente, como os velhinhos no «museu». Ia-me esquecendo da marcha dos pequeninos que amanhã também são gente. Parabéns, meninos de palmo e meio, do Infantário; parabéns senhoras educadoras! Assim, criam nos «rebetos» o tal bairrismo que já vai rareando.

Finalmente, falemos do tapete, confeccionado, no interior do templo. Os irmãos Matias são únicos. «Tapetes há muitos, mas no Bom Jesus, só há um, o dos Matias e mais nenhum». Tudo que se possa dizer é pouco. Quem meteria férias uma semana, perdendo paz e sossego, para vir trabalhar, dia e noite, no arranjo da Capela? Não é preciso felicitá-los nem preparar-lhes uma homenagem; apenas esperam recompensa do Santo de quem são devotos.

A completar o programa, duas ou três exposições de artistas fangueiros; o António Teixeira e as suas conchas mais o Celestino Jerónimo e os quadros a carvão e óleo, uma mistura de paganismo/cristianismo onde as almas e os corpos se confundem num surrealismo oforino, com excepção para o retrato a carvão de um fangueiro, illustre musicólogo.

Foram assim as festas da nossa terra, vistas com o coração, sem tesoura nem maledicência.

PROMOÇÕES

Afinal não é só o João Luis o único expert em hotelaria. Falaram-nos também de Albino Cândido da Silva Viana que neste momento é o responsável máximo dos hotéis do Parque e do Elevador em Braga. Pertence também à Sopete. E quando a Sopete escolhe...

Parabéns, jovem fangueiro.

— Num concurso da Caixa Geral de Depósitos, ficou bem classificado o nosso conterrâneo Fernando Alves do Vale que já foi chamado para trabalhar em Esposende. Não podia ser melhor. Parabéns.

PRÉMIO NACIONAL DE ARTESANATO

Decorre até 31.05.93 no Centro de Emprego de Barcelos a apresentação de candidaturas para o PRÉMIO NACIONAL DE ARTESANATO.

Poderão concorrer todos os artesãos de nacionalidade portuguesa, às seguintes categorias:

- PRÉMIO DE ARTESANATO TRADICIONAL

- 1º Prémio: 750 mil escudos e diploma
- 2º Prémio: 500 mil escudos e diploma
- 3º Prémio: 250 mil escudos e diploma

- PRÉMIO DE ARTESANATO MODERNO

- 1º Prémio: 750 mil escudos e diploma
- 2º Prémio: 500 mil escudos e diploma
- 3º Prémio: 250 mil escudos e diploma

- PRÉMIO ESPECIAL DE ARTESANATO

(áreas de tecelagem e cobre)

- 1º Prémio: 750 mil escudos e diploma

Regulamento disponível no Centro de Emprego de Barcelos

Av. Alcaides de Faria, 333 B - 1º Fr
4750 Barcelos

Telef: 053 - 821212

Fax: 053 - 821171

CONSULTE-NOS.



INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL
MINISTÉRIO DO EMPREGO E DA SEGURANÇA SOCIAL



DE APÚLIA

ANIVERSÁRIO — Vai fazer 9 anos este jornal. Muito?... Pouco?... Para um jornal, mesmo pequeno, 9 anos é uma vida! Quantas barreiras, quantas incompreensões e ingratidões terá sido necessário vencer!... E, desses saltos, não se vêm ainda distensões nem lesões. O menino é pequeno e franzino, mas é duro... de roer. Nada o impedirá de atingir a meta anunciada: defesa intransigente das «coisas» da terra que lhe deu o nome, e das que lhe são próximas.

O «Novo Fangueiro» é um menino que nunca andou de bíbe, muito bem comportadinho, mesmo quando tem de dizer «coisas» desagradáveis para alguém.

Porque sempre o tem feito com elevação e respeito, com verdade e com razão.

PARABÉNS a todos que com ele colaboram. E por muitos anos.

DOENTE — por se encontrar com alguns problemas de saúde, foi submetida a uma operação cirúrgica, numa Clínica do Porto, a nossa ilustre conterrânea, D. Maria Emília Miranda Mariz Figueiredo, Esposa do Sr. Alberto Queiroga Figueiredo, Presidente da Câmara Municipal de Esposende, ele também um grande apuliense.

Não é bajular dizer que toda a Apúlia deseja as mais rápidas melhoras desta Senhora. A D. Emília tem sido o «anjo da Guarda» de muitas famílias pobres da nossa terra. E é das que dá com uma mão sem a outra saber.

FUTEBOL — Na «Taça Câmara Municipal de Esposende», o Apúlia está classificado para as meias finais, depois de eliminar o Fão, e o Vila-Chã, com quatro vitórias em outros tantos jogos. Agora val defrontar o Esposende nesta meia final. No Campeonato Regional da 1.ª Divisão da A.F. Braga, foi empatar a Gondifelos, 1-1 e venceu em Apúlia o Lousado por 4-1, o nosso representante continua em 4.º lugar. Uma boa prova, portanto, á altura do nome da terra e do clube.

OBITOS — Faleceram em Apúlia, durante o mês de Abril, os seguintes apulenses:

— No dia 5, no lugar de Criad, Laurentina Martins Leite, nascida em 5 de Junho de 1928, filha de David José Leite e de Ana Martins do Monte.

Era casada com o senhor Manuel Machado Francisco Correia.

— Em 8, no lugar da Igreja, ANDRÉ RODRIGUES PEREIRA, natural da freguesia de Na-

vais, concelho da Póvoa de Varzim, nascido em 30 de Novembro de 1916. Era filho de Manuel Rodrigues Pereira e de Ana Gomes Inácio, e casado com a Senhora D. Alzira Pires dos Santos.

— Ainda no lugar da Igreja, no dia 11, JOAQUIM FERNANDES CARREIRA, nascido em 15 de Setembro de 1908, na freguesia de Fonte-Boa deste concelho, filho de Francisco Fernandes Carreira e de Tereza Martins Alves. Era casado, em segundas núpcias, com a Senhora D. Maria Fradique da Torre.

— No dia 14, no lugar de Paredes, MARIA FÉLIX DOS SANTOS, nascida em 21 de Novembro de 1927, filha de José Félix da Justa e de Amélia Domingues dos Santos.

Deixa viúvo o Senhor Joaquim Dias Fernandes, que também já era casado em segundas núpcias.

— No Hospital de Barcelos, no dia 16, António Amorim Lopes Ribeiro, nascido em Apúlia no dia 9 de Setembro de 1936. Era filho de José Lopes Ribeiro e de Maria Alves Amorim, e casado com D. Herondina Pimenta Alves Ribeiro.

PRAIA DE BANHOS — Dizem os entendidos que é no mês de Maio que a nossa praia (de Couve), se compõe com a areia que o mar leva invariavelmente no inverno. Em muitos anos isso tem acontecido; mas noutros, não. Facto é que este ano, do «Furado» até à lingueta do salva-vidas, a praia não tem areia. A descoberto está aquecia enorme cordilheira de rocha, que não agrada nem aos apulenses, nem aos veraneantes.

Esperemos que o mar devolva, ainda a tempo da época banear deste ano, aquilo que levou e que pertence por direitos adquiridos ao longo de séculos, àquela praia.

ESPORÃO DAS «PEDRINHAS» — Contrariamente ao que se anunciava, ainda lá está intacto, imperturbável e indiferente aos estragos que vai causando a toda uma comunidade, que desde o princípio o contesta. Em vão, porque outros poderes mais altos se «levantam». Até quando? — Quando o irremediável acontecer? E quando acontecer, a «Engenharia» que o projectou, idealizou e construiu, vai assumir as suas responsabilidades? É que a praia das «Padrinhas», como tal, desapareceu. E o mesmo destino pode ter num

futuro próximo, a praia de «Cedovém». Os prejuízos são, já, incalculáveis.

É por estas e outras mais que as águas andam agitadas, e muitos pensam em «dar o tal salto»...

POLÉMICA — Parece que veio para ficar. Durante toda a semana, cia, a polémica, teve honras de ruas, de cafés, e de lugares públicos e privados. Em todo o Concelho não se falou de outra coisa, como se alguém pretendesse mudar o curso do Cávado, ou impedir que o mar continue de todos... Como somos pueris!...

A Comunicação Social deu-lhe relevo, e o assunto, que parecia e se queria pacífico, fez perder a serenidade a muita gente.

Afinal, Apúlia, pois foi «APÚLIA A CONCE-LHO» que motivou toda a polémica, é uma terra multa querida em todo o concelho... Quem o diria...

A inveja mal contida e a «dor de cotovelo» mal sofrida, fizeram estalar o verniz de muita gente que Apúlia gostava e queria ter como amigo. E é pena porque isso não adianta nem atraza o desejo de muitos apulenses. Utópicos? É lá com eles.

Sejamos claros: porque é que Apúlia não pode aspirar a Concelho? Porque lhe faltam os Bombeiros? E aos outros não falta nada?... Dava para rir.

Depois disto nada vai ficar como dantes. Apúlia não pode continuar a ser vista como terra de gente simples e humilde, que «comesó o que lhe dão e que vai suprimindo as desigualdades com o esforço do trabalho da sua gente.

Hoje, Apúlia, é uma árvore que cresceu muito, uma árvore pujante de força e de vida, e que já não precisa de pedir licença a ninguém para existir.

E talvez já faça sombra...

CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

INFORMAÇÃO

Caros Múncipes:

A Câmara Municipal de Esposende através do seu Gabinete Técnico local (G.T.L.), está a realizar um levantamento habitacional das zonas históricas do concelho: — Esposende e Fão.

Este levantamento tem por objectivo a preservação, recuperação e melhoramento das referidas zonas.

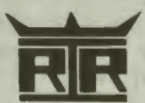
A partir do mês de Abril um dos elementos da equipa que constitui o G.T.L., devidamente identificado, irá efectuar um inquérito sobre as condições de habitação.

Competirá aos múnicipes que estão inseridos nessas zonas o recebimento do técnico para fornecer as devidas respostas.

Sublinhamos a importância deste trabalho para zelar por tal herança arquitectónica e apelamos para a colaboração em tão árduo trabalho que não só identifica o nosso concelho no exterior como também constitui a herança que temos obrigação de transmitir as gerações vindouras.

O Presidente

ALBERTO QUEIROGA FIGUEIREDO



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA · ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



LAVAGEM ALTA PRESSÃO



TESTE DE TRAVÕES

Visite as nossas Exposições

REIMELI

PORTO — RUA 5 DE OUTUBRO, 212 — TEL. 60 91 018 - 60 83 748 — FAX 66 73 86
LISBOA — RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 — TEL. 759 72 04 — FAX 7597206

DOCTORAMENTO

No dia 26 de Abril realizou provas de doutoramento em Medicina, especialidade de Pediatria, da Faculdade de Medicina do Porto, a nossa conterrânea lic. Maria Hercília Ferreira Guimarães Pereira Areias. O júri, presidido pelo Doutor Tomé Ribeiro, era ainda constituído pelos Doutores Michel Dehan, da Faculdade de Medicina de Paris, Norberto Teixeira Santos, José Agostinho Marques Lopes, Fernando Augusto Andrade de Abreu Brandão, Mário Queirós Rebelo de Carvalho e Álvaro Gerónimo Leal Machado, todos da Faculdade de Medicina do Porto.

A tese de doutoramento tinha por título *Avaliação de novas terapêuticas por via inalatória na prevenção da dispnéia broncopulmonar*. Foram arguentes os doutores Michel Dehan e Norberto Teixeira Santos que, antes de iniciarem as provas, enalteceram as qualidades tanto morais como intelectuais e profissionais da nova doutora, nomeadamente o rigor, a tenacidade, a inteligência, a dedicação, a perseverança e o profissionalismo sempre demonstrados.

No final a doutora Maria Hercília foi aprovada por unanimidade com distinção e valor. A especialidade por que tem revelado particular interesse é a neonatologia, área a que se dedicou em exclusivo desde 1987 e em que é a única Doutora naquela Faculdade.



A doutora Hercília quando prestava provas

Para a Cilinha, que já se reintegrou no nosso Hospital, um grande abraço de parabéns.



«Na minha aldeia... Todos são primos e primas...»

MUROS ABAIXO

Numa das últimas semanas de Abril, apareceram derrubados dois muros lá para os lados da Bonança. Um tinha sido construído a bordejar a estrada Artur Aires, do lado da praia, em frente à capela da Bonança. Ao que parece, era para proibir a entrada de automóveis no recinto — deixem-nos chamar-lhe adro — da capela; o outro, situado mais à frente, estreitava aquele «canal» ou caminho existente entre os terrenos da família Pires Gaifém e os da capela e que vai dar à praia. No seu término havia lá um

largozinho que posteriormente foi «comido» por uma casa ali indevidamente erguida. São os raios das cunhas. Como íamos dizendo, nesse caminho já de si estreito, foi levantado um murete que estreitava mais o canal. Ninguém percebia aquilo.

Afinal as referidas paredes foram mandadas levantar pela APPLE, depois de uma reunião e o necessário consenso entre este organismo, a Comissão Fabriqueira e a Junta de Fão.

Para saber outros pormenores, remetem o leitor para o relato da Assembleia de Freguesia.

FALECIMENTO

Inesperadamente faleceu em Fão António Avelino Ferreira da Fonseca. Teria os seus 43 anos. Fão ficou siderado com tal notícia. Ainda na noite de véspera tinha assistido aos ensaios das «marchas». No final, o António como sentia uma dorzinha no peito dirigiu-se no seu próprio carro ao Hospital onde foi atendido pelo Dr. José Albino que logo verificou tratar-se de uma situação grave.

O António sentia-se cada vez pior, o dr. Zé Albino fez todo o possível para o salvar mas o mal era de morte. Morreu-lhe, como se costuma dizer, nas mãos.

O seu enterro constituiu uma grande manifestação de pesar.

As nossas condolências.

AGRADECIMENTO

A família de António Avelino Ferreira da Fonseca vem, por este meio, agradecer muito penhoradamente a todas as pessoas que, no passamento do seu ente querido, lhe manifestaram toda a sua solidariedade.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE ESPOSENDE

ANÚNCIO

O DOUTOR JORGE ALBERTO MARTINS TEIXEIRA, Juiz de Direito do Tribunal Judicial da Comarca de Esposende:

FAZ SABER QUE, pela 1.ª Secção deste Tribunal se encontram pendentes uns autos de Proc. Comum Singular n.º 100/92, que o M.º P.º move contra o arguido — VICTOR PASCAL GONÇALVES DA COSTA, casado, comerciante, com estabelecimento de hotelaria, denominado «Restaurante Mota», sito no Lugar de Sanfins, Belinho, Esposende, tendo o referido arguido sido condenado por sentença de 3/393, pela prática de um crime (Géneros avariados) p. e p. pelos art.ºs 24.º, n.º 2, al. c) com referência ao n.º 1 e al. c) e 82.º, n.º 2, al. c), ambos do dec.-Lei n.º 28/84, de 20/1, na pena de 50 dias de multa, à taxa diária de 300\$00, ou seja, na multa de 15.000\$00, com a alternativa de 33 dias de prisão.

Esposende, 30/3/93

O Juiz de Direito,

a) Jorge Alberto Martins Teixeira

O Escrivão Adjunto,

a) Manuel Bernardo da Costa Santa Marinha

ENTREVISTA

Por absoluta falta de espaço, deixámos para o próximo número uma entrevista feita pelo nosso colaborador João Pedras ao Presidente do C. F. de Fão e dois textos de Carlos Mariz.

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA DO FEIJOEIRO

(Continuado do número anterior)

Folhas — As primeiras são simples mas as outras são trifoliadas, com folíolo cordiformes.

Flores — Papilionáceas de coloração variável do branco ao violeta, passando pelo rosado. Cada flor pode ter só uma cor ou ser bicolor. Formam cachos, com o pedúnculo inserido nas axilas das folhas ou nos gomos terminais de alguns ramos, constituídos por 4 a 10 flores.

Frutos — Fecundação, por autofecundação, por vezes parcial. Os frutos são vagens, mais desenvolvidas no sentido do comprimento, glabras, mais ou menos direitas ou arqueadas. No seu interior desenvolvem-se as sementes, reniformes, com tamanho e coloração uniforme, ou não, conforme as variedades. Em fase de amadurecimento avançado, as paredes da vagem reforçam-se por tecidos fibrosos, que formam o fio e o pergaminho e retiram ao produto qualidades para o consumo em verde.

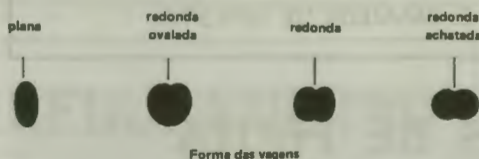
4. VARIEDADES

4.1. Algumas notas

O número de variedades de feijão é enorme, ascendendo a mais de 4000, segundo diversos autores. CASTILHO refere para Portugal uma existência superior a 200, mas nota que a mesma variedade é muitas vezes conhecida por designações diferentes conforme as regiões onde a cultura tem lugar.

As variedades botânicas e culturais de feijão têm sido estabelecidas e agrupadas de acordo com diversas características, tais como o porte (feijões anões e de trepar), a duração do ciclo (feijões precoces, semi-tardios ou tardios), o produto final a obter (vagem, feijão em grão ou mistas), etc.

Por seu lado, o feijão verde é classificado segundo as diversas características da vagem: forma como se apresenta (direita ou encurvada), coloração (verde ou amarela), conformação da secção transversal (plana ou mais ou menos arredondada), existência ou ausência de pergaminho, etc.



O feijão em grão é agrupado geralmente de acordo com a forma mais ou menos reniforme, a coloração e o tamanho da semente.

De um modo geral, as variedades consideradas de grão são cultivadas exclusivamente para a produção de feijão seco. As suas vagens apresentam-se com fio e pergaminho não sendo boas para o consumo em verde. Às variedades para vagem, também conhecidas como «de feijão verde» ou «de feijão come-se tudo» são cultivadas só para serem consumidas com a semente nas primeiras fases do seu desenvolvimento. Existem variedades mistas que, como o nome indica, servem para o fornecimento de vagem e de feijão em grão, seco.

Quanto ao porte, algumas variedades

de feijoeiro tradicionais em Portugal são agrupadas por GARDÉ do modo seguinte:

Variedades rasteiras (anãs): *Manteiga, Cor-de-Cana, Patareco Rasteiro, Foice Rasteiro, Fidalgo, Catarino*, etc.

Variedades de trepar: *De Bencanta, Foice de Trepar, Rei dos Foices, Maravilha de Portugal ou S. Cosme, D. Carlos, Cana, S. Flacre*, etc.

Ainda segundo o mesmo A. estas variedades começam a ser substituídas «por formas estrangeiras mais trabalhadas».

Os feijoeiros anões possuem algumas qualidades peculiares que os tornam alvo de preferência. Estão neste caso a maior precocidade, o necessitarem em regra de solos menos ricos e de um só tratamento fertilizante, o tornarem mais fácil a execução dos manhos e dos tratamentos fitossanitários e o evidenciarem maior resistência às enfermidades. Estão indicados para as regiões de ventos fortes. No entanto, originam produtos menos saborosos, além de não admitirem o escalonamento das colheitas.

Por seu lado, as variedades de feijão de trepar, embora requeiram mais tempo para produzir, permitem a obtenção de colheitas escalonadas, fornecendo produtos com melhor sabor e mais nutritivos. Apresentam, todavia, os inconvenientes de exigirem tutoramento e, como regra, a realização de tratamentos frequentes contra as doenças. Nas variedades de feijão de trepar podem distinguir-se ainda dois grupos:

(Continua no próximo número)

Basta

a melhor alternativa

Herbicida total

Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança

Para mais esclarecimentos consulte o Departamento de Agricultura da Hoechst Portuguesa S.A.

	MEM MARTINS	PORTO
TELEFONE	921 21 60	66 70 51
TELEX	16 380	22 706
FAX	922 25 77	69 05 70
MORADA	APARTADO 6 2726 MEM MARTINS CODEX	APARTADO 1041 4101 PORTO CODEX

Hoechst - um amigo na agricultura

Hoechst

Cap. Soc. 5 000 000 0000000000 Reg. Com. Sítio n.º 1438

HSM HORTO S. MAMEDE

DECORAÇÕES
JARDINAGEM
AGROQUÍMICOS

Telef. 901 11 78 — Telex 29893 — Fax 901 11 78
Rua Padre Costa, 652 • 4465 S. MAMEDE DE INFESTA

CALIBRADORES DE FRUTA GREEFA

CALIBRADOR
A3 / AM



PORMENOR DE QUEDA
DE CALIBRADOR
POR PÊSO



DESCARREGADOR
E ELEVADOR



CALIBRADOR
POR PÊSO
4 LINHAS



TAÇAS DE CALIBRE
POR PÊSO



PRÉ-CALIBRADOR



SISTEMA "TRAY-PACKING"

SONDECA

TELEF. 044/81 23 22
FAX 044/81 23 02
TELEX 43811

APARTADO 12
PARCEIROS
2401 LEIRIA CODEX

10 ANOS DE INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA

A Câmara de Esposende através dos seus serviços de Arqueologia entendeu que os resultados de 10 anos de investigação no campo do Património deviam ser condignamente assinalados.

Assim resolveu dedicar a semana de 7 a 15 do corrente mês ao Património Cultural. Eis o programa:

Dia 7 - 20h30 — Sala de Exposições da Biblioteca Municipal; Abertura da Semana. «*Património do Concelho de Esposende — 10 Anos de Investigação*»; Inauguração da Exposição, relacionada com a Semana.

Dia 8 - 21h00 — Auditório da Biblioteca Municipal. Conferência, «*Arquitectura Ventura Terra em Esposende*» pelo Prof. Doutor António Cardoso (Docente da Faculdade de Letras da Univ. do Porto).

Dia 9 - 14h00 às 17h30 — Sala de Exposições da Bib. Municipal. Visita à Exposição.

Dia 10 - Manhã — Salão Paroquial de Esposende. Actividades com a Escola Secundária Henrique Medina.

Dia 11 - manhã — Salão Paroquial de Esposende. Actividades com a Escola Preparatória de Esposende. **21h00** — Auditório da Biblioteca Municipal. Conferência «*Circulação Monetária Romana — tesouro do Castro de S. Lourenço*» pelo Doutor Rui Centeno (Docente da Faculdade de Letras da Univ. do Porto).

Dia 12 - manhã — Salão Paroquial de Esposende. Actividades com a Escola C + S de Forjães. **21h00** — Auditório da Biblioteca Municipal. Conferência «*Estudo Antropológico de Fão Medieval*» pela Dr.ª Eugénia Cunha (do Instituto de Antropologia da Univ. de Coimbra).

Dia 13 - Manhã — Escola C + S de Apúlia. Actividades com a Escola C+S de Apúlia. **21h00** — Auditório da Biblioteca Municipal. Mesa Redonda «*10 Anos de Investigação Arqueológica*».

Dia 14 - 21h00 — Auditório da Biblioteca Municipal. Conferência «*O Azulejo em Esposende e Viana do Castelo — Património a Revalorizar*» pelo Dr. Francisco Carneiro Fernandes (Investigador Vianense).

Dia 15 - 14h30 — Monte de S. Lourenço (Vila Chã). Visita guiada ao Castro de S. Lourenço. **21h00** — Auditório da Biblioteca Municipal. Conferência «*Arquitectura e Arte Castrexas*» pelo Prof. Doutor Francisco Calo Lourido (do Inst. Estudos Galegos e do «Museu Pobo Galego»). Encerramento.

CASA AURÉLIO

MINI-MERCADO

MERCEARIA

CALÇADO

VINHOS

PRONTO A VESTIR

ELECTRODOMÉSTICOS

BRINQUEDOS

BIBLÔS

R. dos Veigas, 15
FÃO — Telef. 981759

Optica
Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

GABINETE DE OPTOMETRIA E CONTACTOLOGIA

(CONSULTAS GRATUITAS)

Rua da Misericórdia, 4-6 — Tel. 75777

4700 BRAGA

JOSÉ JACINTO PEREIRA RIBEIRO

COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE CARNES

BOI — VITELA — CABRITO — PORCO — ETC.

Especialidade em fumeiro caseiro
Fornecedor de Hotéis - Restaurantes - Cantinas

TALHO N.º 1 — TEL. (053) 981920 — AV. DA PRAIA

TALHO N.º 2 — TEL. (53) 981946 — RUA DOS SARGACEIROS

TELEF. RESIDÊNCIA: (053) 981538

APÚLIA — 4740 ESPOSENDE

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira
João Pedras
José Maria Machado do Vale

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fangeiro» através dos Correios será por conta do assinante.

HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053 - 98 14 73/4
TELEX 32857



Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m², frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m², a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas praias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ No Hotel de 1.ª classe, 100 quartos, suites e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande (Chaine des Rôtisseurs); bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; boite com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas Condições para deficientes. ★ Campo de jogos (medidas oficiais para futebol), ténis, badmington, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Óptimo para crianças (bab-sitter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vinho do Porto (50 km) ★ Galiza (75 km).

UM POUCO DE ESPOSENDE HÁ OITENTA ANOS...

ANTÓNIO AGONIA PEREIRA

Como a gente envelhece a recordar...

Do lado esquerdo da rua que fica em frente ao quartel da Guarda Republicana, morava uma velhinha de seu nome Ana de Agonia. Era minha Avó materna. Não sei como aparecia lá vindo de casa de meus pais... O que sei é que lhe agarrava nas mãozinhas e lhe perguntava porque tinha tantas rugas.

— Não te sei explicar... só saberás verdadeiramente quando fores da minha idade... Na realidade, hoje sei. E também sei que desse lado esquerdo da rua em toda a sua extensão tinha apenas meia dúzia de casinhas que mais pareciam barracas. Do lado direito, uma casa térrea no fundo da rua, pertencente ao Ramires, funcionário público de limpeza.

O casal tinha um filho que era do meu ano na Escola Primária conhecido por Ramires, (oxalá que ainda seja vivo). Ao fundo da rua, se voltássemos à direita, até à praia só encontrávamos a casa do senhor Passos Farrapeiro e já na praia o farol. À nossa esquerda as casinhas da Romana, dos pais do Eusébio (tolo), a Capelinha de S. João e as águas límpidas do Rio Cávado. Os anos passavam e eu nos meus tempos livres sempre optei pela parte norte da Vila. Havia algo que me atraía para o norte, Pinhal do Fanico, também nos terrenos do Dr. Vasquinho (médico) e da família Gonçalves. O que será feito de todo esse Pinhal?... Meus pais e meus padrinhos tinham as suas residências na rua Direita: meus Pais em frente à Câmara Municipal e meus Padrinhos, no palacete que é agora da Nélia!...

Tinha então oito anos. Vinha da escola, ia a casa de meus Padrinhos, montava um dos jericos de preferência o Licorino, trazia o outro ao lado preso por uma corda para pastarem num terreno que meus Padrinhos tinham junto ao Hospital que tem o nome de seu pai, o saudoso Valentim Ribeiro «grande benemérito de Esposende»...

Só regressava a casa quando o sol se escondia. Fazia imensas vezes a mesma coisa, não por obrigação, mas sim porque me distraía e os animais ficavam contentes; no campo galopavam um atrás do outro e comiam erva fresca.

A par do trabalho diário ia dispersando a minha actividade por desporto, (futebol) teatro e bailes...

Uma manhã, julgando estar no primeiro sono, alguém da família bate à porta do quarto e diz:

— Ó preguiçoso, a pé! Olha que fazes 22 anos!... Custa a acreditar. Nem dei por isso. O tempo corre vertiginosamente... Então auscultei-me: do físico bem, do coração menos mal, apesar dos encontrões que apanhei...

Eu tive três amores: no primeiro, sempre que se aproximava o momento fatal ela dizia resignada: ai alminha de meu pai! Eu parava logo. O segundo era uma pequena que apenas saía à rua para ir ao domingo à missa acompanhada de uma prima, todas enchapeladas. Não tendo possibilidades de me falar de dia, resolveu abrir-me a porta de noite. Um falso amigo denunciou-me, mas outro amigo, mais leal, veio a correr, dizer-me que o Dr. Fulaminho, tinha ido buscar a guarda. Eu consegui avançar um muro enorme no fundo do quintal. A pequena, no dia seguinte, foi levada à força em carro de cavalos da casa para um convento. Parentes do Arcebispo de Braga daquela época, fácil lhes foi fazer com que eu nunca mais a visse. Terceiro amor: em um

dos bailes que costumava organizar, o porteiro veio perguntar-me se podiam entrar duas pequenas. Uma delas era um espanto!...

Entraram e eu perguntei à tal do espanto se sabia dançar: «se dançar comigo farei por lhe agradar», foi a resposta. E então começámos a dançar. No final perguntou:

— Fiquei aprovada no exame?...

— De tal maneira que não a quero ver nos braços de outro homem. Os seus olhos pretos disseram-me que estava bem.

Desde esse momento, todas as vezes que falava comigo, era certa uma tarefa em casa dada pela mãe. Tantas vezes isso aconteceu que um dia tentou envenenar-se. A mãe, alarmada, resolveu ir a minha casa ter comigo. Estávamos a comer: eu, meu pai e minha mãe.

Aquela mulher entra, ajoelha-se à minha beira dizendo: «menino não faça mal à minha filhinha». — «Eu? Quem lhe faz mal é a senhora que lhe bate todas as vezes que ela fala comigo».

— Eu sei que vai casar com uma pequena de Fão.

— É verdade mas isso não impede que eu goste muito da sua filha. Deixe de lhe bater e eu a saberei respeitar.

— Então fica combinado que sempre que lhe queira falar de dia ou de noite, vai a minha casa. Só então a minha mãe falou.

— Fica descansada, mulher, porque não há pessoa mais verdadeira do que este meu filho... minha mãe tinha razão; fui sempre escravo da minha palavra. Mais vinte anos passados e de novo em Esposende, com residência em Fão e actividades na Póvoa de Varzim.

O escultor António Esteves, como de costume veio a Esposende fazer-me mais uma visita. Em Fão, quase todas as noites passávamos horas a discutir. Ele defendia a Monarquia. Eu, a República. Uma vez o meu adversário político disse: — Já tenho a boca seca! Vamos ali à Primorosa tomar um café?... Estávamos a acabar o cafézinho quando se aproximou um empregado dizendo que estavam dois senhores e uma senhora que queriam falar com o senhor Agonia. «Diz-lhe para virem cá!».

«São estes», diz o meu empregado. O José Ribeiro dá-me um abraço e apresenta-nos o casal que o acompanhava da seguinte maneira: A penúltima Embaixatriz Alemã e o Pintor tal. Vinha pedir ao senhor Agonia para lhes alugar uma casa quanto mais isolada melhor. Logo me lembrei da casa que pertencia ao amigo de meu pai, senhor Passos Farrapeiro.

Metemo-nos os quatro no Mercedes do José Ribeiro e fomos falar com o senhor Passos que logo me disse: «Alugo e é o Antoninho que vai fazer o preço».

No dia seguinte, o casal apareceu ao fim da tarde com perto de trinta cães. Era ao pôr do sol. A senhora, rodeada de todos os seus animais, gesticula em direcção ao pôr do sol e declama as seguintes palavras: reparai meus amigos: é ali naquela maravilha sem igual que Deus existe!...

A POUPA, O PICA-PAU E A SENHORA LAGARTA

Chegara a Primavera e todos os passarocos trabalhavam afincadamente, na construção dos seus ninhos. Do seu alegre chilrear, salientavam-se o cúcú... cúcú... e o pou-pou... pou-pou, dos cucos e das poupas, que haviam regressado à sua terra natal. Cada qual fazia o ninho como Deus o ensinara e só o cuco descansava, porque era malandro e espertinho e punha os ovos no ninho dos outros pássaros, para que estes o chocassem...

Junto à clareira do bosque, a Dona Poupa e o Sr. Pica-pau decidiram fazer os seus ninhos. Enquanto a Poupa ia buscar estêrco, para construir a sua casa, o pica-pau principiou a fazer um grande buraco, muito redondinho, no tronco de um pinheiro. Quando se cruzavam, o pica-pau fazia muita troça da Dona Poupa, por ela fazer o ninho com estêrco, chamando-a de porcalhona. Os dois continuavam a trabalhar e o buraco que o pica-pau fazia no tronco, ficava cada vez maior.

Sempre que o pica-pau encontrava a Dona Poupa, continuava a troçar e, a certa altura, a poupa não aguentou mais; pousou no ramo do pinheiro e principiou a ralhar muito alto com aquele pica-pau muito mal-criado, que se metia na sua vida. — Deixa-me trabalhar, malandro!... dizia a poupa enfurecida - pois cada um faz o ninho à sua moda!... — E o pica-pau abriu o seu bico, comprido e aguçado e retorquiu: — Pois sim... pois sim... mas quem faz ninhos com estêrco é porcalhão!

A pobre poupa estava furiosa e começou a fazer tanto barulho, que até o cuco mandrião se aproximou, para ouvir a conversa... As coisas pioraram e, quando os dois passarocos estavam quase a pegar à pancada, ouviu-se uma vozinha, que saía do tronco do pinheiro. Era a Dona Lagarta, que estava irritada com a má-criação do pica-pau e resolveu intervir...

A Dona Lagarta vivia justamente no pinheiro onde o pica-pau estava a fazer o furo e o buraquinho, que era a sua casa, estava quase a ser destruído pelo furo que o passaroco intrometido estava alargando e aprofundando cada vez mais. Com a cabeça fora do buraquinho e com voz estridente, a Dona Lagarta berrou: — Senhor pica-pau, seja educado e respeite a Dona Poupa!... Ela faz o ninho com estêrco mas não prejudica ninguém, enquanto que o senhor, para construir o seu ninho, está a estragar a minha casa!

O pica-pau compreendeu que não só estava a ser injusto com a Dona Poupa, como também estava a estragar a casa da Dona Lagarta, que já vivia há muito tempo no tronco daquele pinheiro. Sentiu-se arrependido, pediu desculpa à poupa e à lagarta e foi fazer o buraco do seu ninho no tronco de outro pinheiro.

A poupa e a lagarta ficaram muito contentes e o cuco, mandrião e intriguista, desinteressou-se... fez cú-cú... cú-cú... e também se foi embora.

Altamiro Almeida Marques

O NOVO
FANGUEIRO
FÃO